

O COMÉRCIO DA PÓVOA DE VARZIM

AVENÇA

Director, Editor e Proprietário
MANUEL AGONIA FRASCO

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS

Redacção e administração
Officinas de «Comércio»

ASSUNÇÃO em tempos idos

Ao ver passar enfrente à praia o cortejo d'Assunção que recordações me vieram de tempos idos! Na semana anterior ao dia 15 as lanchas da pescada e rasqueiros do alto eram arrumadas em linha de modo que a meio delas ficasse uma larga rua para a passagem da procissão. Com os lenços das mulheres e as percutinas dos homens da companhia embandiravam-se os barcos. Rodas e bonecos de fogo, a capricho dos mestres, eram colocadas à proa e à ré das lanchas.

Nas chumaceiras, canas verdes, que a boa gente de Averno-mar e Agudadura cediam gosiosamente aos nossos pescadores. E quando o andar da Virgem, depois da sua caminhada pela vila, surgia no aral—era o fim do mundo! De todos aqueles barcos subiam milhares e milhares de foguetes, as rodas de fogo assoviavam, os bonecos davam voltas e reviravoltas, fazendo de tudo e também de começo a multidão de forasteiros que assistia, surpreendida, àquele grandioso acto de Fé da nossa gente do mar.

Mas um dia... um foguete mal lançado, cai sobre o andar da Virgem e incendeia a nuvem de algodão. A imagem é envolvida pelo fogo em menos de um segundo! Isto foi há 50 anos e ainda tenho nos meus ouvidos os gritos aflitivos dos crentes e nos olhos o quadro pavoroso do incendio; muitas mãos cheias de areia foram arremessadas para o fogo, até que o cobriram por completo e o extinguiram. Mas tudo estava perdido: vestido e manto, ricos de ouro, quemados; anjos e rosto da Virgem enegrecidos do fogo! E lá seguia para a sua igreja, como em funeral, rodeada de multidão em pranto, N. S.ª d'Assunção!

Os três mesários da Confraria—Juiz, Secretário e Tesoureiro—eram Manuel Rodrigues Maio, o tio Giesteira, Manuel Marques e João Pereira Campos, o tio Pata—gente boa, Homens de Respeito da classe. O primeiro era meu sogro. Quando chegou a casa vinha desolado: não quis comer. Animei-o. Disse-lhe que no dia seguinte abria uma subscrição que reporia tudo no primitivo estado. Creio que fez parte da Comissão o hoje venerando Leite Dourado e o comendador Francisco Damázio. Este último abriu a subscrição.

Fomos acolhidos por todos os poeveiros atenciosamente e dentro de dois dias tínhamos dinheiro para tudo.

Com os nossos affectuosos cumprimentos, desejamos que o sr. Alfredo Pinto e ex-ma Esposa gosem bem, no nosso convívio amigo, as suas merecidíssimas férias.

Acompanhado do digno poeveiro Narciso Baptista Carneiro, que organizava os ornamentos das confrarias, a Mesa e eu fomos ao Porto tratar do vestido e manto e também da encarnação da imagem. A Casa Melo, tomou conta das vestes. Seguímos, depois, para a casa do célebre pintor de imagens, Sampaio. Dissemos-lhe ao que íamos.

—Para os poeveiros não aceitar a encomenda.
—Porquê, senhor Sampaio?
—Os poeveiros querem uma Senhora loura, e ela não era loura.
E o tio João Pata, numa ingenuidade encantadora, diz ao pintor:
—Então Nossa Senhora «loirinha» não é mais bonita?
—Pois é por isso mesmo: vão a outro que a encarne «loirinha»!
Intervenho eu e digo ao pintor que a cor dos cabelos não é conosco, é com ele, que assume a responsabilidade do trabalho. Damos-lhe liberdade: Se for assim, a meu gosto, aceite!
O tio João Pata, fora já da casa do pintor comentou: Loirinha não era mais bonita?
Mestre Sampaio apresentou um trabalho que é ainda hoje o encanto dos nossos olhos!
S. G.

Melhoramento importante

Havia muito tempo que se andava a proclamar a necessidade de uma piscina para os frequentadores da nossa praia. Os banhistas desportistas eram os que reclamavam com mais insistência a realização deste melhoramento. E, com eles, todos os que se interessam pelo progresso turístico da Póvoa.

Portanto, pode dizer-se que ninguém, nesta terra, se alheava do assunto da piscina, tão demorada e largamente debatido, na imprensa, em reuniões clubistas e em simples conversas de cafés.

E, até os que vivem isolados, gostavam de saber se o assunto questionado passaria, depressa, das palavras às obras. Porque enfim, era um melhoramento importante, experimentado e apreciado em outras praias de renome.

Convinha dotar a Póvoa com mais esse benefício, para seu proveito e sua fama.

A Póvoa não perde tempo em se modernizar, a fim de apresentar à sua tradicional colónia balnear e aos que a visitam de passagem atractivos variados, que a recomendem e nobilitem entre as suas congéneres. Vai nisso o seu amor próprio e é uma forma de correspondêr à amizade e à honra que lhe dão os que a preferem, como estância de turismo.

Ora sucede que a piscina é uma das prendas mais apetecidas pelos veraneantes das praias; e acertadamente andou a Póvoa em oferecer-lha.

Escusado será dizer que não esqueço as pessoas nem as colectividades que chamaram a si esta magnífica iniciativa e a puseram em prática. Sem elas, a Póvoa não poderia apresentar-se aos olhos dos seus amigos e admiradores com mais este presente, tanto do seu agrado. Por via delas, foi a Póvoa quem, primeiro, lucrou; e por isso deve ser ela a primeira, também, a reconhecer-lo e a agradecer-lhes.

Essas colectividades e pessoas são o Clube Naval Povoense, o Sporting Clube da Póvoa, e o Sr. Artur Aires, com alguns dos seus melhores colaboradores. E-me grato apontá-los aqui e afirmar que, se estão de parabéns, por verem coroados de êxito os seus esforços, vencidos os muitos e grandes obstáculos que lhes surgiram no caminho igualmente o estamos nós, todos os que vivem na Póvoa, habitualmente, é desejam o seu engrandecimento.

Ouço falar para afim nas rivalidades que se esboçaram no principio. Isso não diminui ninguém, de um lado e de outro. Só eleva os contendores, porque é um sinal de emulação, e não de inveja. Representa-se a passagem de uma época para outra, e a mudança de uma situação para outra.

—Para os poeveiros não aceitar a encomenda.
—Porquê, senhor Sampaio?
—Os poeveiros querem uma Senhora loura, e ela não era loura.

F. C. PORTO E F. C. TIRSENSE AMANHÃ NO ESTÁDIO VARZIM

Em complemento do programa das Festas d'Assunção, o Varzim S. Club leva amanhã a efeito, no seu magnifico campo de jogos sito na Avenida dos Banhos, um grande festival desportivo com um jogo de futebol verdadeiramente sensacional.

A Póvoa vai ter ocasião de ver actuar dois dos melhores e mais bem apetrechados conjuntos do norte do país: o F. C. DO PORTO, 2.ª classificado, na época transacta, da 1.ª Divisão do Nacional, e o F. C. TIRSENSE, que na II Divisão ocupa também destacado e merecido lugar.

A superior classe dos antagonistas e a informação que deram ao clube organizador da prova de que, além dos seus habituais titulares, tencionavam experimentar amanhã, no Estádio Varzim, as vedetas ultimamente adquiridas para reforço das suas categorias principais, trouxeram um excepcional interesse por este jogo.

Está de parabéns o Varzim pela organização a que se abalouçou e só nos resta desejar que o seu belo Estádio se encha de gente, permitindo assim os pesados sacrificios que o festival comporta.

O desafio terá início às 17 horas prefixas, sob a direcção de uma equipa de arbitragem do Colégio de Arbitros do Porto.

—Os sócios do V. S. C. terão ingresso no campo mediante o recibo de Julho; e as pessoas e jogadores portadores de «livre trânsito» deverão requisitar os bilhetes especiais de ingresso, na sede do clube até às 23 horas de hoje, sábado.

—Os bilhetes de entrada para o público, encontram-se desde já à venda nos seguintes locais: sede do Varzim; Café Ribeiro, Cabine de Som, e nas bilheteiras do Estádio Varzim, duas horas antes do encontro.



ESSEM do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A jama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levantava.

E vós, Tágides minhas pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandilquo e corrente
Porque de vossas águas Febo ordena
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vosso, que a Marte tanto ouzou;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

CANTO 1

LUSIADAS

O CASO DA INDIA

A semana que findou foi fértil em comunicados, telegramas de muitas capitais, bem como em manifestações patrióticas, civis e religiosas, tudo devido à ameaça de invasão sobre os territórios da Índia Portuguesa, no dia 15 de Agosto.

A ansiedade febril que uma propaganda do lado hindu exaltou ao maximo, numa guerra de nervos de autenticos metodos comunista, succedeu que... nada succedeu!

Nehru, democrata sui generis, falando em Paz e proclamando a guerra de nervos com as suas notícias, com as suas parangonas, buscando um direito na força da Força, nada fez!

Os enclaves portugueses são portugueses, não apenas pela conquista mas pela assimilação dos autotones aos metodos e mentalidade portugueses.

Que embaraço ou ameaça para a Índia são os 600 mil indo-portugueses que vivem sob a protecção da bandeira verde-rubra? Acaso naquelas terras lusitanas se vê a miséria social do resto da Índia? São os naturais que pedem a integração na União Indiana? Porque não faz Nehru as mesmas exigências ao Paquistão e a outros grandes territórios da Índia onde as religiões e os costumes são iguais? Porque é que pretende devorar o cordeiro e se faz esquecido com o tigre visinho?

Não na sinceridade nenhuma nas afirmações dum estadista que governa 360 milhões de homens e que pretende incorporar à força 0,6% da sua população deixando de fora da União Indiana grandes

nações indianas com muitos milhões de habitantes. Porque esta diferença?

São os chamados metodos totalitários—auténtica lei da selva—atirando-se sobre os mais pequenos sem curarem de saber das razões históricas ou humanas.

Um dos erros do sr. Nehru é afirmar que os goeses não têm os mesmos direitos que os portugueses europeus. Onde é que o Presidente da União Indiana viu ou pode provar isso? Os direitos—poucos ou muitos—são precisamente iguais aos dos portugueses continentais. Todos nós, portugueses, de qualquer parte do Mundo Português, estamos sujeitos às mesmas Leis e às mesmas obediências!

E não venha o sr. Nehru para a discussão com os regimes existentes, pois todos nós sabemos que a Itália e a Alemanha, por exemplo, transitoriamente estiveram com regimes totalitários, a França na mesma e nem por isso deixaram de recuperar a sua liberdade!

Os regimes internos dos países dizem respeito aos nacionais e só estes decidirão deles sem gostarem que ninguém se intrometa nas suas questões de familia.

Os portugueses repudiam a solidariedade com uma democracia de caricatura onde os párias, famélicos e acidatiosos não conhecem e respeitam privilégios de castas, de senhores, marajás, príncipes e toda uma fabulosa hierarquia de falsos valores humanos fundados na superstição e ignorância das massas.

A democracia indiana com os 95% de analfabetos desconhecedores do que é democracia e do que são direitos de homens livres é apenas um monstro disforme e acéfalo com grande força bruta dirigida por um homem que como todo o Oriental pensa o que não diz e diz o que não pensa.

Como portugueses, só desejamos que nas negociações que vão seguir-se, a dignidade de Portugal se mantenha acima de todos os interesses pois, como sempre se disse, só da Honra cura a Nação Portuguesa.

ZONA DE TURISMO

Voltamos a chamar a atenção dos dirigentes poeveiros para a situação da nossa Zona de Turismo. Temos que agir como já fizemos os dirigentes de outras praias na situação da nossa, pois os encargos estão fora das possibilidades da exploração da Zona—e a Póvoa não deve suportar-se a ver encerrados os estabelecimentos que lhe dão animação e servem de recreio aos seus banhistas.